

UNIONE ITALIAN DI MUTUO SOCORRO BENSO DI CAVOUR: O SEU ASSOCIATIVISMO NA MANCHESTER MINEIRA

Rafael de Souza Bertante*

INTRODUÇÃO

Durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a cidade de Juiz de Fora¹ viveu um contexto de modernização e se constituiu como um dos principais núcleos urbano e industrial de Minas Gerais (PIRES, 2009, p. 20). Essas mudanças ocorreram junto ao desenvolvimento de diversas obras de infraestruturas e uma intensificação cada vez maior do comércio e da indústria local. Circunstâncias que funcionaram como atração para diversos imigrante a Juiz de Fora, sobretudo, os de origem italiana que não se interessavam pela a agricultura ou que trazia consigo alguma formação profissional (CHRISTO, 2000, p.136).

O movimento imigratório na cidade impulsionou a formação de várias associações filantrópicas ou de ajuda mútua. A formação desses grupos foi um importante recurso para os estrangeiros, pois os auxiliavam em uma melhor forma de adaptação à nova realidade e também buscavam preencher lacunas deixadas pela ausência de políticas de previdências promovidas pelo Estado (VISCARDI, 1995, p. 99 e 100).

Entre a formação de diversas associações em Juiz de Fora, destacamos a fundação, no ano de 1902, de um grupo que além de prezar pelas características étnicas, filantrópicas e ajuda mútua, se caracterizava por ser composto apenas por maçons, e até o ano de 1925 nascidos na Itália. O grupo constituiu a loja *Unione Italian di Mutuo Socorro Benso di Cavour* - que se encontra em funcionamento até os dias atuais.

O que mais chamou a atenção nesse grupo é que grande parte dos seus membros tiveram significativa importância para a cidade. Dessa forma, o trabalho pretende estudar a ocasião de criação da loja, até o momento em que ela deixa a exclusividade italiana. E busca notar o quanto este meio pode ter influenciado ou não para a que, alguns desses membros pudessem ter algum renome perante a cidade.

*Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientação do Prof. Dr. Marcos Olender.

¹ Localizada na Zona da Mata de Mineira

A MANCHESTER MINEIRA

Foi, sobretudo, durante a década de 1880 que Juiz de Fora se firmou como capitalista e passou a ser caracterizada como a “Manchester Mineira”. O motivo para isso eram os investimentos em serviços públicos e atividades urbanas (PIRES, 2009 p.78-80). Tais investimentos foram consequência de uma rápida expansão das lavouras de café pela Zona da Mata até o final do século XIX (OLIVEIRA, 1991, p.34), e a ligação do capital agrário aos setores mais próximos da modernização capitalista. A presença desse capital logo foi compreendida por empreendimentos como, estrada de ferro, bancos, energia elétrica, transportes urbanos e industrialização.² (PIRES, 2009, p. 20-21).

A forma como essa modernização se deu em Juiz de Fora também aconteceu em outras cidades brasileiras, principalmente as que estavam ligadas à indústria ou ao café. Pois essas mudanças muitas vezes eram resultado da concentração de renda na região, da presença de rede ferroviária e a existência de mão de obra especializada. Juiz de Fora, contou com esses três quesitos, com uma importante estrada de rodagem - responsável por aproximar o interior de Minas à Capital Rio de Janeiro (CHRISTO, 2000, p. 143) - e também com a construção, em 1889, da primeira Usina Hidroelétrica da América do Sul, concedida por Bernardo Mascarenhas (OLENDER, 2011. p. 55).

A CHEGADA DO IMIGRANTE

Um forte movimento imigratório sucedeu na Europa durante o século XIX e início do século XX. Dentre os motivos que levaram esses europeus se arriscarem em outras terras estavam a impossibilidade de sustentar a si e à sua família, devido a um excedente da mão de obra no campo³ ou ainda, casos de perseguições étnico-religiosas, que se desenvolviam em meio a uma Europa de afirmação de Estados Nacionais. As possíveis

²É importante ressaltar que a economia juizforana neste contexto era secundária, se comparada a grandes regiões como Rio de Janeiro ou São Paulo, o que não exclui sua importância para a região e para a época (PIRES, 2009, p. 20-21).

³ Em fins do século XVIII, ocorreu na Europa um aumento na taxa de natalidade e um desenvolvimento da mecanização agrícola. (FEREZINI, 2003, p. 78).

saídas para esses europeus seriam o êxodo rural ou a emigração para a América (FEREZINI, 2003 p. 74).

No Brasil a presença de imigrantes se intensificou durante a segunda metade do século XIX, quando o Governo Imperial promoveu a Política Imigratória, que entre seus objetivos pretendia trazer pequenos proprietários para o Sul e trazer mão de obra para os grandes fazendeiros (FEREZINI, 2003 p. 74).

Em Juiz de Fora, as primeiras medidas para imigração buscavam criar núcleos coloniais próximos ao “Caminho Novo” para garantir mão de obra, ao mesmo tempo em que se ocupava e povoava regiões antes não exploradas. Porém a primeira leva significativa de imigrantes aconteceu durante a construção da Estrada União Indústria⁴, em meados do século XIX, com a vinda do imigrante alemão (OLIVEIRA, 1991, p. 46 e 52).

Mas é no final do século XIX que notamos um maior movimento imigratório pela cidade. Desta vez marcada, sobretudo, pela presença do imigrante italiano. A chegada deste povo remete principalmente à criação da Hospedaria Horto Barbosa. A hospedaria foi criada em 1888, com a responsabilidade de sediar e registrar grande parte dos imigrantes que chegavam pelo porto do Rio de Janeiro. Após isso, os imigrantes saíam para trabalhos em lavouras de café, em indústrias ou em construções civis. De Juiz de Fora os imigrantes eram direcionados, sobretudo, para São Paulo, de volta ao Rio de Janeiro ou para o interior de Minas Gerais. A cidade a princípio, não necessitava tanto de mão de obra para as lavouras de café, pois se encontrava em uma região escravista. Porém, ainda assim é possível perceber a permanência de alguns grupos de imigrantes na cidade. Esses normalmente já possuíam uma profissão definida, ou não tinham interesse no trabalho agrícola. Dessa forma, acabavam sendo direcionados para atividades urbanas - como a construção civil ou a indústria (CHRISTO, 2000, p. 131).

O ASSOCIATIVISMO ITALIANO

Algo que muito nos intriga é como esses imigrantes faziam para se estabelecer em uma terra de clima, cultura e idiomas diferentes dos seus. Somado a esses agravantes, os

⁴Esse caminho cumpria o objetivo de encurtar a viagem entre a Corte e a província de Minas Gerais para o escoamento de Café (OLIVEIRA, 1991, p. 46 e 52).

imigrantes italianos, estavam saindo de um país recém-unificado e ainda muito marcado por rivalidades regionais, costumes e dialetos diferentes. A procura por respostas a essas questões começaram a aparecer com leituras sobre a imigração italiana na cidade de Juiz de Fora⁵. Tais leituras mostraram que muitos desses imigrantes buscavam se associar em grupos filantrópicos ou de ajuda mútua, a procura de uma estabilidade e uma melhor adaptação à nova realidade.

A prática associativa entre imigrantes italianos foi muito constante no Brasil, principalmente nos fins do século XIX, mostrando a necessidade de se reunirem em círculos com finalidades de mútuo socorro (TRENTO, 1989, p. 170). Esse costume era uma resposta à ausência de um Estado promotor de políticas de previdências (VISCARDI, 1995, p. 99 e 107).

Mas as propostas dessas associações iam além da assistência aos menos favorecidos. Segundo Ianni o imigrante se via marcado por constantes sensações de deslocamento, de maneira que não se via pertencente a nenhum dos dois países, pois sua terra natal havia ficado para trás e no novo país ele não conhecia ninguém (IANNI, 1992 apud FERREZINI, 2003, p.70). Assim, as associações também funcionavam como um meio de preservar a memória das origens dos imigrantes, ao mesmo tempo em que promoviam a integração e valorização do novo ambiente (FERREZINI, 2003, p.70).

Em Juiz de Fora, houve o predomínio de dois tipos de associações, as mútuas e as filantrópicas. As mútuas se caracterizavam por prestar socorro aos seus membros e tinham como sustento contribuições dos próprios integrantes. Enquanto as filantrópicas⁶, em sua maioria, religiosas ou criadas por setores sociais privilegiados que tinham como finalidade

⁵ O tema deste trabalho surgiu do estudo desenvolvido no Laboratório de Patrimônios Culturais (LAPA), cujo título é “A Contribuição da Imigração Italiana para a Produção Arquitetônica de Juiz de Fora”. Ao iniciar a pesquisa, entramos em contato com algumas leituras, que apresentavam a história de Juiz de Fora e contextualizavam a imigração italiana junto à urbanização da mesma. Dentre as leituras podemos destacar o livro “Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri”, de Olender (2011), o texto “Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão” de Christo (2000) e a dissertação de Oliveira “Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)” (1991).

⁶ Viscardi não descarta a hipótese de que as associações filantrópicas, estivessem preocupadas também com a construção e manutenção do poder local (VISCARDI, 1995, p. 105).

prestar socorro a quem necessitasse e pratica de ações de caridade (VISCARDI, 1995, p. 100).

Entre os grupos filantrópicos, também se estabeleceu na cidade a Maçonaria. Esta instituição se diferenciava das demais devido sua rígida hierarquia e os rituais baseados no esoterismo (BARATA, 1999, p.36). Segundo Barata, a

Maçonaria é uma instituição essencialmente filantrópica, filosófica e progressista, tem como objetivo a pesquisa da verdade; o estudo da moral universal, os das ciências e artes e o exercício da beneficência. Tem por princípios a liberdade absoluta de consciência e a solidariedade humana. Não exclui ninguém por suas crenças. Tem por divisa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade (BARATA, 1999, p.41).

O caráter secreto desta instituição possibilitava por diversas vezes um local para discussões políticas sem controle e vigência do estado ou um espaço de sociabilidade para fortalecer relações de amizade. Contudo, “apesar do clima de mistério, sabemos que **as maçonarias** não existem isoladas da sociedade e podem ser melhor compreendidas no conjunto do movimento associativo do qual fazem parte em cada época”(MOREL & SOUZA, 2008 p. 44, 88 e 132, grifo nosso).

Em Minas Gerais os núcleos com maior concentração Maçônica estavam nas regiões Sul e Zona da Mata, locais que se caracterizaram pela atividade cafeeira e desenvolvimento urbano. Castro explica que talvez esse caráter urbano permitisse um maior interesse pela adoção de novas ideias, valores e modelos de sociabilidade (CASTRO, 2008, p. 18).

A LOJA BENSO DI CAVOUR

A *Unione Italian di Mutuo Socorro Benso di Cavour*⁷ surgiu em um momento que diversas associações se constituíam em Juiz de Fora, porém se diferenciou das demais por ser composta exclusivamente maçons italianos. A loja foi constituída por vinte e cinco homens, antes pertencentes às lojas, Fidelidade Mineira e Caridade e Firmeza. A justificativa para a fundação da mesma era a dificuldade em entender o idioma local

⁷ A loja maçônica *Benso di Cavour* se perpetuou e encontra-se em funcionamento até os dias de hoje.

durante as reuniões e dificuldade de relacionamento. Dessa forma, sabemos que o idioma utilizado nas discussões e atas era o italiano, o que a tornava singular entre as demais lojas maçônicas da cidade⁸ (GABURRI, s/d).

O recorte temporal para a essa pesquisa busca focar o período de exclusividade do imigrante italiano dentro da loja. Por isso compreenderá o momento de sua criação, em 1902, até o ano de 1925, quando descendentes de italianos e membros de outras nacionalidades também passam a compor o grupo (GABURRI, s/d). A partir da década de 1920 o número de imigrantes italianos chegados à cidade era menor, se comparado às décadas passadas (OLIVEIRA, 1991, p. 11), essa pode ser uma explicação para a aceitação de os homens não nascidos na Itália dentro da loja.

Entre os membros fundadores da *Benso di Cavour*, destacamos os nomes de Giuseppe Grippe, Luigi Perry, Tibério Ciampi, Umberto Gaburri, Pantaleone Arcuri e Salvatore Notaroberto (GABURRI, s/d). Homens, que de alguma forma estiveram envolvidos com o comércio e/ou com o crescimento urbano de Juiz de Fora (FILHO, 1979). A partir deste contexto e deste recorte temporal, buscaremos, então, analisar como se desenvolveu a sociabilidade entre esses homens, como formavam suas redes de amizade e notar se, a partir da loja, alguns desses imigrantes conseguiram contribuir para desenvolvimento urbano e industrial de Juiz de Fora.

O caráter de auxílio filantrópico da Maçonaria cria um espaço de sociabilidade que fortalece relações sociais circunscritas não apenas em seu interior, mas também externo à ordem. Essa foi uma forma de expansão da civilização ocidental, ao mesmo tempo em que também foi uma forma de se criar redes de poder e laços de clientela. Desta maneira os maçons auxiliavam os que recebiam algo e fortalecia o poder de quem os dava (MOREL & SOUZA, 2008, p. 48 e 88).

A sociabilidade maçônica assumiu um papel importante para diversos setores da cidade, principalmente para aqueles que precisavam se afirmar numa sociedade em constante evolução, e muitas vezes não possuíam um local para falar abertamente sobre

⁸ A formação de lojas maçônicas por imigrantes italianos no Brasil acontecia desde 1888, sendo a *Benso di Cavour* a única com essas características em Minas Gerais até meados de 1920 (TRENTO, 1989, p. 174).

questões políticas, religiosas e econômicas. Logo as lojas se faziam como um espaço de socialização e passaram a fazer parte de uma vasta relação de trocas, que ia desde o ponto de vista cultural até os privilégios oriundos da própria fraternidade maçônica (CASTRO, 2007, p. 238).

Tomando como base o conceito de sociabilidade, procuraremos entender o quanto, ou não, esses meios possibilitou aos seus membros uma inserção no espaço público e privado. Dessa forma os primeiros passos da pesquisa, para tentar entender como se deu a sociabilidade entre esses italianos serão voltados para as leituras de periódicos da época buscando notar o quanto esses nomes apareciam relacionados entre si perante feitos para a sociedade juizforana. E o quanto à ligação entre os membros do grupo possibilitaram o desenvolvimento de seus próprios negócios, dentro da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho faz parte de um projeto de mestrado que começa a dar seus primeiros passos. E já de início, nos deparamos com algumas dificuldades, como as poucas referências sobre a loja *Benso di Cavour*. Mas é justamente esse o motivo que nos impulsionou a tentar trabalhar, ampliar e resgatar um pouco dessa passagem do imigrante italiano em Juiz de Fora. Ao longo da pesquisa, nos deparamos com trabalhos⁹ que citam a existência da loja, porém muito pouco se sabe sobre a mesma.

Dessa forma, a pesquisa pretende analisar a sua constituição e a sociabilidade desenvolvida dentro desse grupo, na tentativa de mostrar o legado desses italianos à cidade de Juiz de Fora. É intuito do trabalho, também, dar contribuições à historiografia local, tratando o associativismo e a imigração italiana, além de mostrar a singularidade dessa loja dentro da cidade e mesmo dentro do estado de Minas Gerais, no início do século passado. Também, buscaremos ampliar os estudos sobre a imigração italiana no país, pois notamos

⁹ CASTRO. **A Cruz e o Compasso**: O conflito entre Igreja Católica e Maçonaria no contexto da Reforma Católica Ultramontana em Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UFJF, Juiz de Fora, 2008.; CHRISTO. Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão. In: BORGES (org.) **Solidariedades e Conflitos**: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000. FERREZINI. **A “Questão São Roque”**: Devoção e Conflito, Imigrantes italianos e Igreja Católica em Juiz de Fora (1902-1920). Dissertação (Mestrado em História). UFRJ, Rio de Janeiro, 2003. OLENDER. **Ornamento, ponto e nó**: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

que grande parte dos trabalhos a respeito deste tema estão concentrados em São Paulo e na região Sul do Brasil.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: A Ação da Maçonaria Brasileira**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

CASTRO, Giane de Souza. **A Cruz e o Compasso: O conflito entre Igreja Católica e Maçonaria no contexto da Reforma Católica Ultramontana em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UFJF, Juiz de Fora, 2008.

_____. No compasso da Sociabilidade: a utilização do conceito de sociabilidade em um estudo sobre a maçonaria. In: BARBOSA, S. M.; BARATA, A. M.; CANO, J. **Anais do I Seminário Dimensões da Política na História: Estado, Nação, Império**. PPGHis UFJF: Juiz de Fora, 2007.

CHRISTO, Maraliz de Castro. Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão. In: BORGES, Célia Maria (org.) **Solidariedades e Conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.

FEREZINI, Valéria Leão. **A “Questão São Roque”**: Devoção e Conflito, Imigrantes italianos e Igreja Católica em Juiz de Fora (1902-1920). Dissertação (Mestrado em História). UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

FILHO, J. Procópio. **Salvo Erros ou Omissão: gente juiz-forana**. Juiz de Fora: 1979.
GABURRI, José, A. D. **História da Loja Maçônica Benso di Cavour**. Disponível em <<http://www.bensodicavour.org.br/index.php>> Acesso em 28/04/12.

MIRANDA, Sônia Regina. **Cidade, Capital e Poder: Políticas Públicas e Questão Urbana na Velha Manchester Mineira**. Dissertação (Mestrado em História). UFF, Niterói, 1990.

MOREL, M. & SOUZA, F.J.O. **O poder da Maçonaria: A História de uma Sociedade Secreta no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

OLENDER, Marcos. **Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro – **Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)**. Dissertação (Mestrado em História) Niterói, UFF, 1991.

PIRES, Anderson. **Café, Finanças e Indústria:** Juiz de Fora 1889-1930. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). **Georg Simmel: Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico:** um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Mutualismo e Filantropia. In: **Revista Lócus,** Juiz de Fora, v 1, n. 1, 1995.